

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DE BELO HORIZONTE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA TRANSPESSOAL**

UILSON GABRIEL DOS SANTOS

**A AYAWASKA COMO CAMINHO PARA O PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO: tateando os mistérios da realidade sutil**

Belo Horizonte

2016

UILSON GABRIEL DOS SANTOS

**A AYAWASKA COMO CAMINHO PARA O PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO: tateando os mistérios da realidade sutil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte no Curso de Especialização em Psicologia Transpessoal requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Prof.^a Orientadora: Fátima Tolentino.

Belo Horizonte

2016

UILSON GABRIEL DOS SANTOS

**A AYAWASKA COMO CAMINHO PARA O PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO: tateando os mistérios da realidade sutil**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte – FACISABH – como requisito parcial para conclusão da Pós-graduação *lato sensu* em Psicologia Transpessoal.

Professora Fátima Tolentino

Belo Horizonte
Data da aprovação: ____ / ____ / ____

Dedico este trabalho a tudo que vive.

AGRADECIMENTOS

Ao Universo Criador.

Ao Instituto Renascer da Consciência por ser abrigo e escola de um despertar único.

A todos os guardiões e orientadores que trabalham incessantemente para nos conduzir.

A todos que de uma forma ou outra contribuíram na realização deste trabalho.

"Do mesmo modo que aquele que fere ao outro fere a si próprio, aquele que cura cura-se a si mesmo".

(Memórias, Sonhos e Reflexões - C.G.Jung)

RESUMO

O presente estudo busca analisar a relação dos efeitos propiciados pelo Ayawaska e os seus desdobramentos no processo de individuação. Caracteriza-se uma pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória. Os dados analisados permitem perceber que a alteração da consciência produzida pelo uso do chá Ayawaska leva o indivíduo a acessar áreas do inconsciente fundamentais para a sua percepção e desenvolvimento enquanto ser humano único. O processo de individuação é subjetivo e intransferível, podendo acontecer segundo o contexto cultural e psicológico de cada um. Percebemos ainda que as experiências com a ayahuasca possibilitam ao indivíduo um estado diferenciado, em que há uma junção do inconsciente com o consciente, momento em que ocorre uma intensa auto-análise capaz de levá-lo a perceber a sua existência em toda a sua amplitude e modificar o seu modo de pensar e agir no mundo. Percebeu-se, dessa forma, que as narrativas apresentadas no decorrer do trabalho sobre as experiências com a ayahuasca descrevem e se encaixam perfeitamente no que é entendido como processo de individuação, levando a concluir, indubitavelmente que os efeitos da ayahuasca dentro do contexto ritualístico são claramente uma das formas em que se dá o processo de individuação. Conclui-se que os efeitos do chá podem se desdobrar no desenvolvimento da capacidade de autocrítica e promover uma organização entre os pensamentos e nossos comportamentos não-assertivos, ou seja, nossas dificuldades de expressar sentimentos, intenções e de praticar ações que expressem nossos desejos. Essa realidade leva o indivíduo a uma profunda e radical ressignificação a respeito de si mesmo e de suas relações com Deus, com a natureza e com a sociedade em que se encontra inserido.

Palavras-chave: Ayawaska; Individuação. Psicologia. Transpessoal.

ABSTRACT

This study investigates the connection between the effects caused by Ayawaska and its consequences in the individuation process. It is characterized as a bibliographic, descriptive and exploratory research. The analysed data allows us to realize that the alteration of consciousness produced by the use of Ayawaska tea leads the individual to access areas of the unconscious that are fundamental for his perception and development as a unique human being. The individuation process is subjective and non-transferable, it may happen according to the cultural and psychological context of each.

We also realized that the experiences with Ayawaska allow the individual a differentiated state, where there is a junction between the unconscious and the conscious, a moment when an intense self-analysis takes place, which is capable of leading him to realize his existence in its full breadth and modify his way of thinking and acting in the world. We realize, therefore, that the narratives presented in the course of this work on the experiences with Ayawaska describe and fit perfectly in what is understood as a process of individuation, leading to complete, doubtless, that the effects of Ayawaska within the ritualistic context are clearly one of the ways in which the individuation process takes place. It is concluded that the effects of tea can unfold to the development of self-criticism and promote an organization between the thoughts and our behavior not-assertive, that is, our difficulties to express feelings, intentions and to practice actions that express our desires. This reality leads the individual to a profound and radical reinterpretation about himself and his relationships with God, with nature and with the society in which he is embedded.

Key-words: Ayawaska. Individuation. Psychology. Transpersonal.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	13
	CAPÍTULO 1 - O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.....	14
1.1	Notas sobre o processo de individuação.....	14
1.2	As etapas do processo de individuação.....	16
	CAPÍTULO 2 - AYAWASKA, A PLANTA PROFESSORA.....	22
2.1	Aspectos farmacológicos e psicológicos da Ayawaska.....	24
2.2	Ayawaska e o despertar da consciência.....	25
	CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE OS EFEITOS PROPICIADOS PELO AYAWASKA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.....	30
3	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERENCIAS.....	45
	ANEXO.....	47

INTRODUÇÃO

A Psicologia transpessoal é considerada a quarta força da Psicologia e desenvolveu-se através da Psicologia de C. Jung, da Psicologia budista tibetana e da Física quântica. O foco de estudo da Psicologia transpessoal é o ser humano em sua totalidade, e essa totalidade vai além do corpo, da mente e da emoção, pois em seus estudos, a Psicologia transpessoal inclui os inúmeros estados alterados de consciência.

O rompimento de certos padrões do pensamento científico sobre o que tem sido utilizado para compreender e explicar alguns aspectos da realidade e como se interage com eles, também é uma intenção da Psicologia transpessoal. Esse rompimento pode ser considerado como uma indigência da própria humanidade que, ao acessar outros estados de consciência começa a perceber que, o ser humano, não é apenas corpo, mente e emoções, passando o mesmo a buscar respostas para antigas questões existenciais, como “Quem sou eu?” e “Qual o sentido da vida?”

Uma característica marcante da Psicologia transpessoal é a auto-cura, oportunamente este estudo busca traçar um paralelo entre a Ayawaska, cuja bebida é psicoativa e produzida a partir da combinação das plantas *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, com o processo de individuação.

Em realidade, a Ayawaska vem sendo consumida há milhares de anos por povos e culturas diferentes como um caminho de autoconhecimento, cura, despertar da consciência e encontro com o sagrado, questão que, a Psicologia analítica que, é à base da Psicologia transpessoal, conceitua como processo de individuação.

Tanto o processo de individuação, como o uso ritualístico do chá demonstram ter o mesmo objetivo, ou seja, a integração total do indivíduo com ele mesmo, com a sociedade, com Deus e com a natureza. Integração esta, nomeada “acordar” ou “vivência do *self*.”

Face ao exposto, pergunta-se: Qual é a relação entre os efeitos propiciados pelo Ayawaska e os seus desdobramentos no processo de individuação?

Despertou-se para o tema “*A Ayawaska como caminho para o processo de individuação: tateando os mistérios da realidade sutil*” por vislumbrar que, são poucos os estudos acadêmicos que abordam a problemática aqui proposta, modernamente observa-se uma expansão cada vez maior do uso dessa bebida dentro e fora de contextos ritualísticos e o fato de o chá de Ayahuasca estar frequentemente associado a notícias polêmicas e, por vezes, preconceituosas por ser considerada uma droga psicoativa.

Reflexões alusivas á relação entre os efeitos gerados pelo Ayawaska e o processo de individuação, tornam-se relevantes e merecem ser aprofundadas não apenas pela Psicologia, mas, também, por outras áreas de pesquisas como a Antropologia, Sociologia e Medicina, bem como, por todas as áreas queensem o homem enquanto ser único, e que tem cada vez mais interesse em entrar contato com uma realidade sutil, não perceptível pelos cinco sentidos, realidade esta que pode ser capaz de trazer respostas para as suas questões existenciais.

O objetivo deste estudo consistiu em analisar a relação entre os efeitos propiciados pelo Ayawaska e os seus desdobramentos no processo de individuação.

Partiu-se da hipótese de que a alteração da consciência ocasionada pelo uso do chá Ayawaska permite que o indivíduo acesse áreas do inconsciente essenciais para sua a sua percepção e desenvolvimento enquanto ser humano único. O processo de individuação é subjetivo e intransferível, podendo ocorrer conforme o contexto cultural e psicológico de cada um. Logo, os efeitos do chá se desdobram nessas características e apesar de as fases do processo de individuação e dos efeitos do chá ocorrerem de formas diferentes para cada indivíduo, as transformações sucedidas acerca do seu processo e sobre si mesmo são semelhantes.

Ainda, hipoteticamente, vislumbra-se que o confronto do *eu* com a *persona*, primeira fase do processo de individuação, se distingue pelo abandono das máscaras usadas por cada pessoa para obter reconhecimento e aprovação social, esta fase se nivela com a principal mudança no tocante à personalidade, que é experimentada pelos indivíduos que fazem o consumo da bebida, cujos desdobramentos desenvolvem a capacidade de autocrítica e o alinhamento de

pensamentos e comportamentos considerados não-assertivos, fato que permite ao indivíduo uma profunda e radical ressignificação a respeito de si mesmo e de suas relações com Deus, com a natureza e com a sociedade de modo geral.

O presente estudo encontra-se organizado da seguinte forma:

Capítulo 1: o conceito de processo de individuação desenvolvido pela Psicologia analítica, bem como a descrição das etapas em que ele ocorre são apresentados. Marcadas pela confrontação do *eu* com a *persona*, *sombra*, *anima/animus* e, por fim, pelo confronto do eu com o *self*, todas as vivências de cada etapa são profundas e conduzem o indivíduo à realização de si mesmo enquanto ser humano, permitindo que ele dê sentidos “verdadeiros” à vida.

Capítulo 2: apresenta-se um breve levantamento histórico do uso ritualístico do chá de ayahuasca, sua difusão pelos grandes centros por meio das religiões consideradas ayahuasqueiras e as principais transformações nas percepções de si e da vida, relatadas pelos adeptos do chá.

Capítulo 3: explicita-se a relação entre o processo de individuação e o uso do chá de ayahuasca como uma ferramenta disponível para o despertar desse processo. Os relatos lidos e assistidos acerca da alteração da consciência provocada pela ingestão do chá permitem considerar a bebida como um caminho de livre escolha para o autoconhecimento e a autocura, uma vez que o processo de individuação só acontece realmente através da participação ativa do indivíduo. Busca-se ainda aproximar três conceitos: (1) o conceito de “despertar da consciência” da Psicologia transpessoal. (2) o conceito de “vivência do *Self*” da Psicologia analítica. E (3) o conceito de “acordar” para as principais doutrinas que utilizam o chá como veículo para integração ao “todo”.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vistas que, apresentam-se dados teóricos sobre a Ayawaska e os seus desdobramentos no processo de individuação e temas relacionados, por meio de livros, teses, artigos. Conforme Marconi (2002), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias envolve a bibliografia publicada referente ao tema de estudo, desde publicações avulsas, revistas, livros, pesquisas, monografias e teses. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que está escrito a respeito de algum tema.

A pesquisa foi também descritiva, segundo Gil (2002) a pesquisa descritiva é utilizada para identificar e obter informações a respeito de características de certo problema ou questão, justificada pelos objetivos sugeridos no trabalho. Quanto à abordagem a pesquisa foi qualitativa, para Gil (2002) este tipo de pesquisa propicia melhor visão e compreensão do contexto do problema.

Referente aos objetivos, a pesquisa que se propôs é do tipo exploratória, pois conforme Gil (2002), essas pesquisas proporcionam maior familiaridade com o problema, tornando-o mais claro. O objetivo principal dessas pesquisas é aprimorar ideias ou desvendar intuições. Seu planejamento é flexível, de maneira a compreender os aspectos referentes ao fato analisado.

Para o levantamento do material utilizado foram ainda realizadas buscas eletrônicas no Google. O material utilizado consiste em textos impressos e/ou virtuais, cujo método é a seleção, análise e tratamento das informações. O período de publicação dos estudos consultados para confeccionar a base teórica de todo o trabalho, foi de 1964 a 2014. Os idiomas utilizados foram Português e Espanhol.

CAPITULO 1 - O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Duração

*O tempo era bom? Não era
O tempo é, para sempre.
A hera da antiga era
roreja incansavelmente.*

*Aconteceu há mil anos?
Continua acontecendo.
Nos mais desbotados panos,
estou me lendo e relendo.*

*Tudo morto, na distância
que vai de alguém a si mesmo?
Vive tudo, mas sem ânsia
de estar amando e estar preso.*

*Pois tudo enfim se liberta
de ferros forjados no ar.
A alma sorri, já bem perto,
da raiz mesma do ser.*

Carlos Drummond de Andrade, in 'As Impurezas do Branco' 1

1.1 Notas sobre o processo de individuação

O autoconhecimento, a experiência única de se ser quem se é, a relação da descoberta e a integração com Deus e o mundo, o reconhecimento de si enquanto ser humano e não máquina, e a busca pela totalidade psíquica que integra o consciente e o inconsciente, é algo inato no ser humano. A esse movimento pessoal, Jung (1968) denominou “processo de individuação”, conceito considerado como eixo central da Psicologia analítica. A individuação é um termo utilizado por Jung para caracterizar o processo “que gera um *"individuum"* psicológico, ou seja, uma unidade indivisível” (JUNG, 2000, p 269).

Em sua essência, Silveira (1968) descreve o processo de individuação como a tendência instintiva do indivíduo de realizar plenamente suas potencialidades inatas. Ao questionar se

¹ Duração. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/duracao-carlos-drummond-de-andrade>>. Acesso em: 29/03/2016.

esse longo e, por vezes, árduo processo de torna-se si mesmo vale a pena, Silveira (1968) pontua que,

aqueles que não se diferenciam, permanecem obscuramente envolvidos numa trama de projeções, confundem-se, fusionam-se com outros e desse modo são levados a agir em desacordo consigo, com o plano básico inato do seu próprio ser. E é esse ‘desacordo’ consigo mesmo que constitui fundamentalmente o estado ‘neurótico’ (...) A liberação desse estado, só sobreviverá quando se puder existir e agir de conformidade com aquilo que é sentido como sendo a própria verdadeira natureza. (...) Então o homem poderá dizer, ainda que em meio a dificuldades externas e internas, embora reconhecendo que nenhuma carga é tão pesada quanto suportar a si mesmo: Tal como sou, assim eu ajo (SILVEIRA, 1968, p.105)

Nesse sentido, antes de uma possível apresentação de como ocorre o processo de individuação, Silveira (1968), ressalta a importância de lembrar-se de que, embora seja um desejo inato do ser humano buscar a integração psíquica individuando-se, a individuação não deve ser considerada como sinônimo de perfeição ou individualismo.

Aquele que deseja se individuar não pretende se tornar perfeito, mas sim completo, fato que significa relacionar-se de maneira consciente com todos os possíveis aspectos não combináveis ou contraditórios da personalidade, de modo a confrontar-se com si mesmo e acolher seu possível lado “sombrio”. Conforme a autora, Jung, não considerava individuação como sinônimo de individualismo porque ser quem se é, mas, por simplesmente exercer o direito natural de se realizar enquanto pessoa única (SILVEIRA, 1968).

O processo de individuação como um movimento psíquico não é linear, mas sim, um movimento de circunvolução que conduz a um centro psíquico denominado por Jung como *self*, ou seja, si mesmo. Quando o consciente e o inconsciente se organizam em torno do *self*, a personalidade se completa. O *self* passa a ser, então, o centro da personalidade, sendo vivenciado por meio de experiências profundas que dão sentido à vida. Vivência esta que caracteriza o processo de individuação (SILVEIRA, 1968).

Franz (1964), em sua obra *O homem e seus símbolos*, explicita que, se realizar enquanto pessoa única, é o objetivo do processo de individuação e que, embora o mesmo ocorra inconsciente e espontaneamente no indivíduo, ele só ocorre de fato, se esse mesmo indivíduo estiver consciente do processo e participar ativamente dele. E, é justamente essa participação ativa que o configura mais precisamente como “processo de individuação” que se discute no próximo tópico deste capítulo.

1.2 As etapas do processo de individuação

Processo de individuação pode ser descrito em etapas específicas, marcadas pela confrontação do eu, com os principais arquétipos influenciadores da consciência, como *persona*, sombra, anima/*animus* e, por fim, o *self*.

Ao confrontar o eu, com a *persona*, surge à primeira etapa do processo de individuação. O eu na Psicologia analítica é considerado como núcleo do consciente, responsável por manter contato do mundo interior e exterior do indivíduo (SILVEIRA, 1968).

O consciente é como estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos, acerca daquilo que acontece com cada indivíduo. A *persona* é como a “roupagem” ou máscara utilizada pelo indivíduo que, uma vez preocupado com a opinião pública, necessita ser socialmente aceito, e a cria (STEIN, 1998).

Persona já era um termo utilizado antigamente em referência às máscaras usadas por atores, segundo o papel que representariam em determinada cena. Analogamente, quanto mais a *persona* aderir à pele do ator, mais dolorosa psicologicamente para ele, será despi-la fora dos contextos de encenação. Isto ocorre porque frequentemente a maioria dos indivíduos vivenciam a sua *persona* de modo inconsciente e se identifica profundamente com ela. Sendo justamente nesse despir-se da *persona* que a primeira etapa do processo de individuação acontece, isto é, quando o indivíduo entra em contato com uma parte sua, até então desconhecida, uma vez que a *persona* pode esconder as suas características não aceitas ou rejeitadas (SILVEIRA, 1968).

A segunda etapa do processo de individuação, portanto, é marcada pelo confronto do eu com a sombra, confronto este, resultante do abandono das “máscaras.” A sombra como as coisas que não se aceita e que, reprimidas, projetam-se nos outros, o que faz com que permaneçam desconhecidas dentro de cada um. A autora observa também que a sombra não se trata apenas de aspectos negativos, mas também, de qualidades valiosas não desenvolvidas em função dos fatores externos desfavoráveis ou porque o indivíduo não aplicou energia suficiente para sua realização, uma vez que isso exigiria ir além de suas convenções sociais e morais (SILVEIRA, 1968).

Uma questão básica no processo de individuação é reconhecer e trabalhar o conteúdo da sombra. Quando lançamos luz sobre a sombra, a consequência é a expansão da consciência. E uma vez que a sombra é reconhecida e integrada conscientemente ao *eu*, o indivíduo percebe os seus aspectos negativos e positivos, de modo que a sua relação com o mundo e si mesmo, é favorecida (SILVEIRA, 1968).

Uma vez trabalhada a integração da persona e da sombra, o homem no processo de individuação, o surge o confronto com a terceira etapa do eu com a *anima*, que por sua vez, é descrita como a feminilidade inconsciente e presente no homem. Essa característica da personalidade é apresentada também por Franz (1964) na obra *O homem e seus símbolos*. Para este,

anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, não menos importante o relacionamento com o inconsciente (FRANZ, 1964, p. 234).

Por essa via, destaca-se a personificação da *anima* nos sonhos e em outras produções do inconsciente, como nas figuras que emergem nos mitos e nos contos, por meio de formas variadas como musa, feiticeira, mãe d'água, mulher, princesa e sereia (SILVEIRA, 1968).

Na busca pela integração de consciente e inconsciente, de construção e expressão do si mesmo, torna-se fundamental, na terceira etapa do processo, que o homem integre conscientemente a sua *anima* ao seu eu, para melhor relacionar com os próprios sentimentos e com o seu mundo exterior. Se a *anima* receber a devida atenção e for confrontada pelo *eu*, sua personificação, bem como outros fenômenos decorrentes de comportamentos autônomos se desfazem, fato que leva a *anima* se tornar uma importante função psicológica, mediadora de sua relação com o exterior e o interior, e com o consciente e o inconsciente (SILVEIRA, 1968).

Quando o homem não realiza a integração consciente da *anima* ao seu eu, ele se prende a ela, estando sujeito à imaturidade afetiva e às dificuldades de lidar com seu mundo interno e externo. Convém destacar que paralelo ao confronto do eu com a *anima* ocorrido no movimento de individuação do homem, acontece no processo de individuação da mulher o

confronto do eu com o *animus*, denominado por Jung como a masculinidade presente no psiquismo da mulher (FRANZ, 1964).

Assim como a personificação feminina do inconsciente do homem através da *anima* traz aspectos positivos e negativos, também acontece na personificação do *animus* para mulher. A diferença entre os dois processos, está na forma como são manifestados. Enquanto a *anima* costuma se manifestar por meio de fantasias e inclinações eróticas, o *animus* se caracteriza normalmente por uma convicção secreta (FRANZ, 1964)

Para Silveira (1968), o *animus* reúne e processa todas as experiências que a mulher vivenciou em seus relacionamentos com o homem ao longo de séculos, fato que influencia diretamente na construção da imagem de homem buscado pela mulher. A autora aponta que personificação do *animus* nos sonhos e demais construções do inconsciente, geralmente é expressa por formas de animais, diabos, príncipes, feiticeiros, heróis e criminosos

De modo semelhante, Franz (1964) afirma que a integração consciente do *eu* com o *animus* pela mulher permite que a mesma reconheça o processo básico de desenvolvimento de sua posição objetiva, cultural e pessoal, podendo encontrar um caminho de forte sentido espiritual na vida.

Nesse ponto, Silveira (1968) diz que assim como a *anima*, o *animus* possui um papel psicológico importante, sendo mediador dos processos internos e externos e que, uma vez consideravelmente cuidado e integrado, permite à mulher melhor capacidade de autoconhecimento e reflexão.

Percebe-se com isso que desfeitas as personificações da *anima* e do *animus*, o processo de individuação caminha para uma quarta etapa, caracterizada pela confrontação do *eu* com o *self*. Sobre a transformação do caráter do inconsciente e da confrontação com o *self* nesta parte do processo, Franz (1964) adverte que,

se um indivíduo teve uma longa e séria luta contra sua anima ou contra o seu animus de maneira a não se deixar identificar parcialmente com eles, o inconsciente muda seu caráter dominante e aparece sob nova forma simbólica, representada pelo *self*, o nível mais profundo da psique (FRANZ, 1964, p.261).

Silveira (1968) pontua que a denominação do *self*, vai além de um centro profundo, e abrange a totalidade da psique. O confronto e reconhecimento da sombra, a dissolução de projeções e complexos e a descida aos abismos pessoais, bem como todas as etapas vivenciadas até aqui, resultam numa ampliação do mundo interno, criando esse novo centro da personalidade mais conhecido como *ego*, passando a se configurar como *self*.

A personificação do *self* se apresenta através dos sonhos. Tanto Franz (1964) quanto Silveira (1968) afirmam que no sonho das mulheres o *self* é personificado por uma figura feminina superior – uma deusa, uma feiticeira, uma heroína ou qualquer outra figura feminina que transmita a ideia de autoridade e benevolência. De modo semelhante, os dois autores descrevem a personificação do *self* nos sonhos masculinos como a figura de um homem superior – um guardião, guru, mestre espiritual ou mago.

Independentemente das personificações serem femininas ou masculinas, Silveira (1968) afirma que ambas possuem grande potencial energético, proporcionando ao sonhador grande estado de maravilhamento. É importante lembrar-se de que vivenciar o *self* não significa que o indivíduo irá permanecer nesse estado de maravilhamento permanentemente. A vivência do *self*, portanto, é marcada pelo aprendizado de se conviver com as várias contradições e opostos da vida de maneira mais consciente e madura.

O *self* é, então, o arquétipo que conduz ao encontro do indivíduo com ele mesmo, através do autoconhecimento e das relações que desenvolve consigo próprio, com outros indivíduos e com Deus. Sobre essa etapa do processo de individuação, Jung (2008) considera que:

quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, susceptível e pessoal do eu, aberta para a livre participação de um mundo mais amplo de interesses objetivos (JUNG, 2008b, p.53).

Na esteira das considerações de Jung, Silveira (1968) descreve a vivência do *self* como a totalização do ser. Para a autora, o indivíduo abandona um ego limitado e desenvolve uma consciência com valores mais amplos adquiridos ao longo do processo. Nesses momentos, a experiência de prazer e sofrimento alcança um nível mais alto conscientemente. Assim, ao abandonar e identificar a *persona* e se desfazer dela, reconhecer e integrar sua *sombra* ao eu,

identificar e integrar seus aspectos masculinos e femininos, da maneira e ordem que melhor lhe apresentar, o indivíduo torna-se ele mesmo.

A vivência do *self*, portanto, tem seu aspecto positivo, pois proporciona ao indivíduo o contato com algo *numinoso*. Esse termo foi cunhado pelo teólogo Rudolf Otto (1869 - 1937) para descrever o fato de uma espécie de experiência religiosa não depender de divindades, podendo ser entendido como uma experiência com o sagrado, que surge do sentido de integração com si, com os outros, com a natureza e com Deus. Tal experiência como manifestação do *self*, pode ser considerada como um dos objetivos do processo de individuação, ou seja, integrar a vida material e espiritual conferindo um sentido transcendental e sagrado à existência.

Por essa via e de acordo com os propósitos da presente pesquisa, percebe-se que no interior das tendências holísticas da atualidade a Psicologia transpessoal tem o despertar da consciência como um de seus principais temas de referência. Isso porque essa vertente considera o despertar como uma conquista pessoal e individual, apresentando-se nas discussões e nas práticas como nova possibilidade terapêutica capaz de enxergar o homem como um ser integral, com habilidades e potencialidades que vão além da matéria. Em outras palavras, o mesmo ser buscado através do processo de individuação apresentado por Jung pode ser identificado nesse ponto de vista.

Sobre os mecanismos que envolvem o processo de individuação, Franz (1964) diz que

em seu sentido estrito, o processo de individuação só é real se o indivíduo estiver consciente dele e, conseqüentemente mantendo uma ligação viva com ele. (...) Mas o homem, certamente, é capaz de participar de maneira consciente de seu desenvolvimento. Chega mesmo a sentir que, de tempos em tempos, pode cooperar ativamente com ele, tomando livremente várias decisões. E essa cooperação pertence ao processo de individuação no seu sentido mais precioso (FRANZ, 1964, p.213).

Como se percebe, o processo de individuação é complexo, fato que requer uma análise ainda pouco conhecida no universo dos especialistas. Nesse ponto, busca-se no próximo Capítulo apresentar considerações acerca dos mecanismos que a “planta de poder”, denominada de Ayahuasca, possui enquanto instrumento de estímulo ao despertar da consciência no processo de individuação. Sabe-se que os efeitos característicos dessa bebida considerada *sagrada* possuem propriedades que levam o indivíduo a acessar outros planos de consciência, sendo

capaz de compreender, assimilar e acolher os seus próprios processos de vida, identificando-se com a natureza, sua própria natureza e o todo.

CAPÍTULO 2 – AYAWASKA, A PLANTA PROFESSORA

*há um pássaro azul em meu peito
 que quer sair
 mas sou duro demais com ele,
 eu digo, fique aí, não deixarei que ninguém o veja.
 há um pássaro azul em meu peito que
 quer sair
 mas eu despejo uísque sobre ele e inalo
 fumaça de cigarro
 e as putas e os atendentes dos bares
 e das mercearias
 nunca saberão que
 ele está
 lá dentro.
 há um pássaro azul em meu peito
 que quer sair
 mas sou duro demais com ele,
 eu digo,
 fique aí,
 quer acabar comigo?
 (...) há um pássaro azul em meu peito que
 quer sair
 mas sou bastante esperto, deixo que ele saia
 somente em algumas noites
 quando todos estão dormindo.
 eu digo: sei que você está aí,
 então não fique triste.
 depois, o coloco de volta em seu lugar,
 mas ele ainda canta um pouquinho
 lá dentro, não deixo que morra
 completamente
 e nós dormimos juntos
 assim
 como nosso pacto secreto
 e isto é bom o suficiente para
 fazer um homem
 chorar,
 mas eu não choro,
 e você?*

Charles Bukowski, O pássaro azul (Tradução Pedro Gonzaga)

Ayahuasca é uma palavra de origem *quíchua*, em que *aya* significa *pessoa morta, alma* e *huasca*, expressa *corda, cipó*, podendo então ser traduzida como “cipó da alma” (LUNA, 1986), recebendo outras significações, dependendo do contexto cultural.

No documento produzido pela Associação Brasileira de Psiquiatria “*Considerações a respeito do Parecer Ayahuasca, da Associação Brasileira de Psiquiatria / Associação Brasileira de Estudos em Álcool e Drogas (ABP/ABEAD)* (2002), é descrito pelos autores que a história da

Ayahuasca na bacia amazônica remonta à pré-história. Embora seus registros mais antigos sejam encontrados apenas em materiais arqueológicos, a história da Ayahuasca tem seus primeiros registros em 1851, feitas pelo botânico inglês R. Spruce.

Mckenna (2002) ressalta que não se pode afirmar quando se iniciou o uso da bebida considerada sagrada, embora se possa assegurar que a sua utilização disseminou-se por inúmeras tribos indígenas da bacia amazônica, chamando a atenção dos etnógrafos ocidentais na metade do século XIX. Um deles, o equatoriano Plutarco Naranjo foi quem registrou a pouca informação disponível sobre a história da ayahuasca.

Estima-se, porém, que populações indígenas utilizem bebidas com estas plantas há aproximadamente cinco mil anos ou há pelo menos 3.500 anos. Existem vastos registros arqueológicos de que o uso desta planta alucinógena que se estabeleceu na Amazônia Equatoriana por volta de 1.500-2.000 a.C. (MCKENNA, 2002).

Silva (2002), no artigo “*O uso ritual da Ayahuasca e o reencontro de duas tradições. A miração e a incorporação no culto do Santo Daime.*” da obra *O Uso Ritual da Ayahuasca* Labete; Araújo (2002) descreve que a Ayahuasca chega à região amazônica por meio de um mestiço peruano chamado de Crescencio Pizango.

No mesmo trabalho, Silva (2002) apresenta outros aspectos históricos da bebida, citando Plutarco Naranjo:

La Ayahuasca há sido utilizada por los aborígenes de la zona amazônica desde tiempos inmemoriales. Es de suponerse que conforme los grupos primitivos fueran avanzando y estableciéndose a lo largo del Amazonas y el Orinoco y sus afluentes se fueran también familiarizando con las plantas de esas exuberantes selvas y comenzó el uso de las especies psiquedélicas de aquel habitat.(...) es probable que de este extendido culto a los muertos surgió la fitominia Ayahuasca, ya que mediante la bebida de sus extractos, en la fase alucinatória, se puede ver los antepasados, hablar con ellos, conocer sus deseos, sus ordenes. (NARANJO, 1983, p. 67)

De acordo com Labate (2009), embora o consumo da Ayahuasca tenha sido difundido principalmente entre os índios da América do Sul em seus rituais, foi apenas no Brasil que o uso de plantas alucinógenas se desenvolveu através da medicina popular: a Ayahuasca foi difundida principalmente com o surgimento das conhecidas religiões ayahuasqueiras como Santo Daime, fundada na década de 30, Barquinha, fundada na década de 40 e a UDV,

conhecida como União do Vegetal, na década de 1960. A UDV e o Santo Daime tiveram seu alargamento a partir do final da década de 1970 e 1980, chegando então aos principais centros urbanos do sudeste do país.

Tendo em vista a chegada da Ayahuasca nos centros urbanos através da difusão das religiões ayahuasqueiras, principalmente a União do Vegetal, (GENTIL; GENTIL, 2009) ressaltam a importância de considerar que o fato do Brasil se destacar pela liberdade religiosa, com essa liberdade chegou-se também ao não monopólio da Ayahuasca, o que gera certa preocupação com relação ao uso indiscriminado do chá fora do contexto religioso.

Nesse mesmo trabalho, Gentil; Gentil (2009) chamam a atenção pela forma deturpada e preconceituosa com a qual a mídia trata e divulga o uso da Ayahuasca, realidade que contribui para que grupos independentes usem indevidamente denominações parecidas com as das religiões ayahuasqueiras para configurarem o seu uso. A partir daí, considerou-se necessário colocar em discussão a regulamentação do uso do chá. Depois de sete anos de pesquisa, o COFEN, Conselho Federal de Entorpecentes, liberou o uso religioso do chá em todo território brasileiro (ANEXO A)

2.1 Aspectos farmacológicos e psicológicos da Ayawaska

De acordo com Mckenna (2002), a Ayahuasca no contexto tradicional é uma bebida preparada através da fervura ou infusão das cascas e ramos da *Banisteriopsiscaapi* junto à mistura de outras plantas, principalmente a *P. Viridis*, plantas essas que possuem em suas folhas os alcalóides responsáveis pelo efeito psicoativo.

A Pelaez (1994) resalta que embora os agentes psicodélicos atuem nos mesmos receptores cerebrais nos indivíduos, estes mesmos agentes apenas abrem as portas para outras formas de percepção da realidade e, citando Pahnke (1972), pontua que os agentes nada mais são do que um gatilho para a experiência psicodélica que acontece com a combinação do efeitos da substancia, a disposição psicológica do individuo e as características do ambiente onde acontece a ingestão do chá. A composição química do chá de ayahuasca, também chamado de Santo Daime, mesmo nome de uma das religiões que o consagra, é apresentada da seguinte maneira pela autora:

O Santo Daime é elaborado com as folhas da *Psychotriaviridis* (folha rainha) e as lianas da *Banisteriopsiscaapi* (cipó jagube). A *Psychotriaviridis* contém um princípio psicotrópico, a N.N *Dimetil-triptamina* (DMT) e vestígios de *mono-metil-triptamina* e *2-metil 1,2,3,4 tetrahydro-B-carbolina* (RIVIER E LINGDREN 1972), Quando administrada por via oral, a DMT é degradada pela monoaminoxidase (MAO) dos tecidos periféricos, inativando-se. A *Banisteriopsiscaapi* contém alcalóides B-carbolinos: *Harmina*, *Harmalina* e *Tetrahydroharmina*, que atuam inibindo o MAO, evitando que esta enzima inative o DMT ao ser administrada oralmente (MC KENNA et al.1986 In: LABETE;ARAÚJO, 2009, p.480)

O agente psicodélico contido no chá da ayahuasca se chama DMT (Dimetil-triptmna), e embora as substancias psicodélicas sejam proibidas atualmente, o consumo dentro do ritual religioso foi legalizado no Brasil. (PELAEZ, 1994). No mesmo artigo, a autora pontua que apenas 5 substancias psicoativas são consideradas verdadeiramente alucionogenos e uma delas é o DMT, descrevendo também seus efeitos subjetivos similares.

Entre os efeitos subjetivos similares, podem-se mencionar no plano somático: náuseas vômitos, tremores, tonturas, debilidade, contraturas musculares, hiper-reflexia, dores generalizadas etc. no plano psíquico, profundas e rápidas alterações dos estados emocionais tais como depressão, exaltação, serenidade, pânico, apatia, labilidade; alterações na memória, e no pensamento, despersonalização e hipersugestibilidade. No plano perceptível-sensorial: distorções de tempo e espaço, estranhas sensações corporais, alterações na percepção de formas, cores, sons etc.; sinestésias e alucinações.” (PELAEZ, 1994, p.475)

2.2 Ayawaska e o despertar da consciência

As maiores fontes de dados a respeito dos efeitos psicológicos do chá de ayahuasca são encontradas através de depoimentos dos adeptos da bebida. A expansão da consciência, o encontro com o “eu superior”, ou Deus é a principal característica dos efeitos psicológicas do chá, daí surgiu o termo “enteogenos” proposto pelo pesquisador Gordon Wasson, que significa Deus dentro de nós, caracterizando melhor a essência da experiência com a ayahuasca ao invés de associar a experiência apenas ao um estado de divagar mentalmente ou falar sem sentido, que etimologicamente, é o significado de alucinógeno (PELAEZ, 1994).

A mesma autora apresenta um breve histórico de como os agentes psicodélicos têm sido utilizados por diversas culturas ao longo dos tempos para fins religiosos e terapêuticos. Pelaez (2009) ressalta ainda que, mais do que um fim terapêutico, o uso desses agentes se davam em busca de desenvolver uma visão mais holística do homem através das experiências de

transcendências, as quais se expandiram a partir da década de 1960, sendo despertadas pelos questionamentos sociais de valores e das relações pessoais com o mundo construídas até então, além do ressurgimento do interesse pela conhecimento e investigação dos diferentes estados de consciência, pelas experiências místicas e pelos agentes psicodélicos como caminho para conhecer a si mesmo.

A partir desse movimento social de questionamento e busca por uma percepção mais holística do homem, a psicologia também teria sido afetada, criando então mais uma corrente, conhecida como Psicologia Transpessoal, que tem suas ideias básicas fundamentadas na psicologia proposta Jung, psicologia essa que rompe com os modelos “ortodoxos” representados pelo Behaviorismo e Psicanálise (PELAEZ, 1994).

A psicologia transpessoal encontrou suas bases nas ideias de Jung, onde a espiritualidade seria uma qualidade intrínseca do homem e o misticismo seria tendência natural do inconsciente coletivo (Jung, 1987). Nesta escola argumentava-se que as experiências de *transcendência*, espontâneas ou induzidas, transportariam o homem aos níveis mais profundos do seu inconsciente – o inconsciente coletivo – onde ele poderia encontrar o sentido da sua existência, sua identificação com a humanidade e uma profunda união com o todo o universo(...)” (LABATE; ARAUJO, 2009, p. 478)

Considerando a constituição da realidade por toda a perspectiva religiosa como sendo um mundo visível (materialidade e relações interpessoais) e invisível (espiritualidade), considerando a espiritualidade como uma qualidade intrínseca do homem como proposto por Jung, e considerando que uso do chá de ayahuasca seja considerado sagrado e utilizado principalmente dentro do contexto religioso, sobretudo ritualístico, a maioria dos trabalhos produzidos sobre o efeito da bebida foram desenvolvidos sob a luz de alguma das doutrinas já apresentadas como Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha.

Serão descritas aqui, pelo trabalho de Palaez (1994), as principais transformações ocorridas nas diversas esferas da vida do indivíduo após a ingestão do chá, sob a luz da doutrina do Santo Daime. Cabe ressaltar que as diferenças encontradas entre uma doutrina e outra se encontram em suas estruturas de sincretismo e formas de ritualizar e consagrar a ayahuasca e não exatamente na composição e preparação da bebida, o que nos permite considerar seus efeitos no indivíduo independente da religião, lembrando-se de que a expansão da consciência é subjetiva e acontece de acordo com estado psicológico e busca de cada um.

De acordo com o trabalho da autora em questão, apresentado no livro *O Uso Ritual da Ayahuasca* (LABATE e ARAÚJO, 2009), o chá de ayahuasca permitiria que o indivíduo entre em contato com sua “memória divina”, conhecida também como *Eu superior*, que para o grupo estudado se configura como *acordar* a espiritualidade, que uma vez adormecida, impediria o início de um caminho de cura e autoconhecimento desenvolvido por toda vida.

As vivências rituais, apresentando-se de maneiras muito diversas, confrontariam a pessoa com a fragilidade e finitude de sua matéria e com um inequívoco sentimento de eternidade e unidade com o todo. (...) experiências, que por suas características podemos denominar de *transcendência*, teriam um grande poder curativo, pois produziriam radicais e positivas mudanças nos seus valores e estratégias de vida. (LABATE; ARAÚJO, 2009, p.483)

Pelaez (1994) aponta que, embora cada história de cura seja única nas suas características, desde a forma como acontece até o tempo de cada um para ela acontecer, os depoimentos feitos pelos adeptos do chá revelam similaridade em relação ao processo de transformação e são vistos como indicadores de cura. As transformações que aparecem com maior frequência nos relatos colhidos em seu trabalho são mudanças na percepção da própria personalidade, nas suas relações com o corpo, com a natureza, com a sociedade e com suas relações e concepções laborais.

As principais transformações no que se referem à personalidade foram relatadas como um despertar da consciência ou acordar, caracterizado pelo reconhecimento de um mundo até então ignorado, o mundo invisível que, uma vez reconhecido, daria um sentido “verdadeiro” à realidade do mundo aparente, o mundo visível.

A partir deste despertar da “consciência”, a capacidade de reconhecer atitudes não corretas e a capacidade de auto-crítica a respeito da forma como conduzem a própria vida teriam aumentado após o consumo da ayahuasca. Além de aumentarem a disposição para modificar pensamentos e ações vistos como inadequados, os possíveis problemas da vida passaram a ser vistos como desafios e uma oportunidade de desenvolver a tolerância e paciência, o que resultou numa diminuição de sentimentos como angústia, ansiedade e preocupação.

Nas transformações referentes à percepção do próprio corpo, os relatos dizem principalmente da visão do corpo como um “recinto” sagrado, devendo este estar a serviço do espírito e não o

espírito a serviço do corpo. O corpo passa então a ser percebido como um instrumento de trabalho que merece ser tratado e cuidado com disciplina, tanto externa como internamente.

Seguindo as mudanças na vida relatadas pelos adeptos do chá dentro do grupo estudado, a reinterpretação das histórias de vida é outra transformação comum apresentada. Fatos considerados como negativos na história pessoal e que muitas vezes eram incompreendidos e colocavam o indivíduo no lugar de vítima passam a ser reinterpretados de maneira que a pessoa reconheça e assuma a responsabilidade pelos seus processos, saindo do lugar de vítima e assumindo o lugar de protagonista.

Situações e relações familiares conflituosas recebem um destaque nesse processo de reinterpretação, a cura descrita nesse processo promove a resolução dos conflitos bem como uma revalorização do esquema tradicional familiar, que geralmente eram criticados anteriormente. Ao acordarem para o verdadeiro sentido da vida, as relações sociais passaram a ser deixadas de lado progressivamente.

Atitudes e comportamentos anteriormente vistos como diversão passaram ser considerados como distração para não se encarar o fato de suas vidas estarem sem sentido “verdadeiro”. Voltando-se cada vez mais para uma visão interior, a mudança na relação com a natureza também é relatada. Uma vez que a natureza é considerada como uma força protetora para o homem, a pessoa passa a ter uma atitude permanentemente de preservação em relação a ela. Outras reinterpretações relevantes relatadas são as relacionadas ao trabalho. De acordo com o que acredita o grupo, cada pessoa teria uma missão na vida. O trabalho material deixa de ser considerado o único meio de subsistência e passa a ser considerado como um cumprimento da missão, sendo visto então junto com o trabalho espiritual como os dois lados de uma mesma moeda de modo que um trabalho está diretamente ligado ao outro, tanto no que se refere a qualidade de seu desempenho como na importância dada. A autora conclui seu trabalho lembrando que o uso de substâncias psicodélicas foi utilizado por diversas culturas com vários fins.

Como é sabido, estas substâncias foram empregadas por muitas culturas xamânicas como instrumento de acesso a domínios invisíveis vistos como sagrados, despertando sentimentos de transcendência considerados terapêuticos. Mais tarde e com outras bases teóricas, na Psicoterapia Psicodélica buscavam-se os mesmos resultados: procurar a emergência de valores espirituais para atingir a cura de transtornos neuróticos ou psicossomáticos (PELAEZ, 1994, p. 488)

Além da consideração sobre a busca por esse tipo de cura ser antiga, a cultura é destacada pela autora como ponto fundamental da experiência psicodélica, pois por mais que o sentimento de transcendência seja inerente ao ser humano carregar um potencial curativo, somente através da cultura ele pode ser expresso, significado e então colocados num terreno conhecido e administrável (PELAEZ, 1994).

Labate e Araujo (2009), organizadores do livro, chamam atenção para um aprofundamento nas pesquisas em relação às pessoas que apresentam algum tipo de desequilíbrio mental temporário ou permanente, embora o número desses indivíduos seja mínimo dentro do grupo estudado. É importante reforçar a atenção dada a esse ponto pelos autores, uma vez que a difusão do uso da ayahuasca tem sido cada vez maior dentro e fora do contexto religioso. Eventualmente têm sido divulgadas notícias que associam o uso do chá ao desencadeamento de psicoses e até mesmo ao óbito como o recente caso do músico Rian Brito, encontrado morto por asfixia por afogamento. Os familiares deram declarações à imprensa associando a morte do rapaz ao uso chá de ahayasca. Outro caso, mais antigo, é o assassinato do cartunista Glauco, que foi fundador de uma igreja ayahuasqueira onde seu assassino, que chegou a frequentar a igreja, atribuiu o assassinato ao recebimento de uma “ordem divina”.

Cabe lembrar que o uso da ayahuasca é permitido no Brasil, tendo sido retirada em 2006 da categoria “drogas psicodélicas” da lista do Conselho Nacional de Política de Drogas e teve suas diretrizes para sua regulamentação, já publicadas.

**CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA RELAÇÃO DOS EFEITOS PROPICIADOS PELO
AYAWASKA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO PROCESSO DE
INDIVIDUAÇÃO**

*Lembra quando você era novo?
Você brilhava como o sol
Brilhe alto, seu diamante louco
Agora há um olhar em seus olhos
Como buracos negros no céu
Brilhe alto, seu diamante louco*

*Você foi pego no fogo cruzado
Entre infância e estrelato
Sobre, a brisa de aço
Venha, seu alvo de risadas distantes
Venha, seu estranho, sua lenda,
Seu mártir, e brilhe!*

*Você alcançou o segredo cedo demais
E choro para a lua
Brilhe alto, seu diamante louco
Ameaçado por sombras de noite
E exposto para a luz
Brilhe alto, seu diamante louco!
Bem, você exauriu suas boas vindas
Com uma precisão aleatória
Cavalgou na brisa de aço
Venha, seu delirante, seu visionário de visões
Venha seu pintor, seu flautista
Seu prisioneiro, e brilhe!*

*Ninguém sabe onde você está
O quão perto e o quão longe
Brilhe alto, seu diamante louco!
Empilhe muitas outras camadas
Eu estarei me juntando a você lá
Brilhe alto, seu diamante louco*

*E nós vamos nos deleitar na sombra
De triunfos de ontem
E navegar na brisa de aço
Venha, seu pequeno garoto, seu vencedor e perdedor
Venha, seu mineiro da verdade e da ilusão
E brilhe!*

Pink Floyd, Shine on You Crazy Diamond (Tradução: Júlia Reyes)

Para atingir o âmago do objetivo do presente trabalho, considerou-se importante analisar estudos, cujos objetivos fossem relatar diferentes percepções, circunstâncias e experiências com a ayahuasca, de modo a buscar vislumbrar a relação dos efeitos propiciados pelo

ayawaska e os seus desdobramentos no processo de individuação. Nos parágrafos subsequentes apresentam-se os referidos estudos.

Conforme Palaez (2009), os agentes psicodélicos dentre eles, a ayahuasca, produzem mudanças somáticas, psíquicas e perceptivo-sensoriais e estes agentes, abrem portas para outras formas de percepção da realidade, atuando como um gatilho ou agente auxiliador. E, que a experiência psicodélica nada mais é, do que uma combinação entre os efeitos da substância e a disposição psicológica do indivíduo. Na década de 1970, impulsionada pelo movimento hippie, Aldous Huxley e suas experiências com mescalina e por Timothy Leary em defesa do LSD, surge uma nova corrente, a da Psicologia Transpessoal, escola que argumenta que as experiências de transcendência, sejam elas espontâneas ou induzidas, transportam o homem para os níveis mais profundos do inconsciente e o possibilita encontrar o sentido da sua existência, sua identificação com a humanidade e uma profunda união com todo o universo.

Dentro da Psicologia transpessoal, a psicoterapia psicodélica, se vale de tais agentes para curar diversos transtornos mentais, por meio da emergência de valores espirituais intrínsecos. No entanto, a psicoterapia psicodélica começou enfrentar obstáculos devido às opiniões contrárias a respeito do tema, já que enquanto para alguns os agentes psicodélicos poderiam expandir os limites da mente, para outros, poderiam levar a experiências caóticas e destruir a personalidade do indivíduo. Somado isso, aos problemas legais referentes ao uso de drogas, as substâncias psicodélicas foram legalmente proibidas, inclusive para usos terapêuticos (PALAEZ, 2009).

Conforme Shanon (2009), a maioria das pesquisas sobre a ayahuasca é voltada para as Ciências naturais (botânica, etnobotânica, farmacologia, bioquímica e fisiologia do cérebro) ou para as Ciências Sociais (Antropologia), no entanto, estas não atingem o âmago da questão, pois o que mais intriga na ayahuasca, são as experiências extraordinárias e que são psicológicas.

Diferentes domínios da mente são revelados pela inebriação da ayahuasca que leva ao processo de individuação. O primeiro trata da atmosfera geral que induz sentimentos gerais corporais e físicos. O segundo domínio diz respeito ao conteúdo, ou seja, o que o indivíduo faz e vê nas visões da ayahuasca, outro domínio não diz respeito ao conteúdo das alucinações,

mas, sim, se as visões são móveis, imóveis, de alta definição ou difusas ou ainda se são tomadas simples ou séries inteiras, assemelhadas a um filme. O autor, a partir de sua experiência pessoal com a ayahuasca, acredita que a cognição da mente humana é enraizada na temporalidade, mas que, no entanto, pode entrar em outro modo de funcionamento e operar de forma atemporal (SHANON, 2009).

Para Almeida (2009), as substâncias psicoativas desempenham um papel no mundo dos sonhos, danças e canto nas sociedades indígenas amazônicas, que acreditam que a ayahuasca age sobre o corpo e possibilita a transição do mundo ordinário para uma realidade verdadeira, onde vivem os espíritos, abrindo caminho para viagens no tempo e no espaço, capaz de despertar a pessoa para o processo de individuação. O uso ritualístico da ayahuasca se difundiu entre os seringueiros da floresta e chegou até os meios urbanos espalhados pelo Brasil, que acreditam que técnicas corporais xamanísticas levam o corpo a ser reconstruído.

Langdon (2009) afirma que para compreender as experiências psicoquímicas dos grupos indígenas é preciso haver um olhar interdisciplinar, em outras palavras, necessita-se de uma abordagem psicointegradora, que reúna a perspectiva neurofenomológica e psicológica dos estados alterados de consciência, além de ainda se valer da Antropologia, pois o enfoque cultural que leva os grupos indígenas a utilizar substâncias com efeitos psicodélicos, como o hoasca não pode ser ignorado. O modo como os próprios índios descrevem as suas experiências é de fato, ligado com as orientações culturais de como percebê-las e interpretá-las, evidenciando-se que tal experiência é mediada pela cultura, sendo assim, subjetiva a percepção do processo de individuação.

Keifenheim (2009) estudou como os índios Kaxinawá faziam o uso do ayahuasca, também por eles conhecido como yagé, onde o alucinógeno, no caso, é utilizado para uma interação com os espíritos. A autora relata que após a ingestão, os participantes sentem seus corpos torna-se moles, sentem tonturas e necessidade de vomitar e defecar e que, após dar vazão a estas necessidades, o efeito é elevado e acelerado. No decorrer da sessão, conforme os relatos dos membros da tribo, há duas fases específicas, a primeira caracterizada por visões de desenhos geométricos e a segunda por imagens figurativas. Para os índios Kaxinawá, tal experiência permite vivenciar sensorialmente o princípio da transformação e possibilita aos índios participar de uma ordem de criação primordial que confere sentido a sua existencial pessoal.

Grob et al. (2009) selecionaram quinze membros da Igreja Sincrética União do Vegetal (UDV) da cidade de Manaus, que participavam dos rituais do chá de hoasca, ao menos duas vezes ao mês. Para avaliar funções psicológicas, foram aplicados o diagnóstico psiquiátrico *Composite International Diagnostic Interview - CIDI*, Teste de personalidade Tridimensional *Personality Questionnaire-TPQ*, e Teste neuropsicológico *WHO-UCLA Auditory Verbal Learning Test* e um questionário *Hallucinogen Rating Scale-HRS*, aplicado após uma sessão de hoasca.

Os dados do estudo de Grob et al. (2009) apontam que entre os membros estudados houve rigidez ética *versus* excitabilidade exploratória, maior regimentação *versus* desordem, maior espírito gregário *versus* timidez com estranhos, maior otimismo desinibido *versus* preocupação antecipada e maior vigor *versus* fadigabilidade e astenia. Foi observado ainda melhor desempenho psicológico entre os membros, embora não em um grau significativo estatisticamente. Neste estudo, a experiência com o hoasca foi classificada como moderada. No entanto, os autores acreditam que faz-se necessário delinear cuidadosamente os potenciais para efeitos adversos e estabelecer parâmetros de segurança dentro dos quais o hoasca deve ser consumido.

Brito (2009) investigou os aspectos sociológicos, psicológicos, médicos e legais do chá hoasca, por meio da percepção de um grupo de pessoas procedentes de todas as classes sociais e níveis culturais e membros de um grupo sincrético denominado União do Vegetal (UDV), que utilizam o alucinógeno derivado da planta dentro de um contexto ritualístico, no intuito de investigar se o uso do chá causa efeitos agudos prolongados nesses indivíduos. O estudo aponta que os membros demonstraram forte interesse em aprender tudo sobre o chá em estudos científicos, bem como, estes buscam entender os aspectos botânicos, químico-farmacológicos, clínicos e psicológicos, atribuem ainda uma concepção espiritual genuína ao chá e reverenciam as experiências que ele propicia.

Assis, Faria e Lins (2014), promoveram um estudo para avaliar o bem-estar subjetivo dos adeptos da ayahuasca e a percepção dos mesmos em relação a elementos psicossociais e analisaram quatro elementos referentes ao bem-estar, quais sejam: autoconhecimento, tratamento da dependência, domínio de si e do ambiente e relações sociais. Quanto ao primeiro elemento, sob efeito do chá, o indivíduo repensa valores e enxerga além do seu ser, entrando em contato com o mais profundo de si, de modo a perceber o que o define,

compreendendo e reagindo ao mundo à sua volta com mais clareza, uma vez que limpa-se de coisas negativas e passa a conhecer suas emoções e comportamentos.

Ainda para o referido estudo, no tratamento da dependência, indivíduos que com histórico de uso de drogas demonstram uma mudança no comportamento e acredita-se que isso se dá não só pelas recomendações do grupo, mas também pela própria estrutura da UDV que exige certas normas de conduta para que o sujeito alcance uma evolução dentro da hierarquia religiosa. No que tange ao domínio de si e do ambiente, acredita-se que o aprendizado com a ayahuasca fornece ferramentas para controle do ambiente, pois ao questionar sua existência, o indivíduo desenvolve uma espiritualidade que busca um equilíbrio e assim tende transformar o modo como lida com a vida (ASSIS, FARIA e LINS, 2014).

Ainda conforme o estudo de Assis, Faria e Lins (2014), referente ao elemento relações sociais, dentro do grupo, os sujeitos fortalecem seus laços ao trocar e compartilhar suas visões, sensações e percepções; nas relações fora da instituição, os membros da UDV são estimulados a valorizar da amizade do outro, independentemente da classe social ou etnia e motivados a interação familiar, não direcionando sua preocupação apenas para si e para o bem-estar individual, mas sim das demais pessoas à sua volta e, sobretudo, dos seus familiares.

Conforme Tavares (2005), a ayahuasca é uma planta alucinógena que age como mediadora entre o mundo do consciente e as dimensões mais profundas, conhecidas como espirituais, ou o inconsciente. A expansão da consciência, dentre outras formas, como relaxamento profundo e meditação, é um estado que pode também ser alcançada através da ingestão de plantas como a ayahuasca. Nesse estado, ocorre o relaxamento físico e mental e a atividade cerebral fica mais lenta, propiciando uma calma e tranquilidade que trazem a abertura da consciência, o que permite ao sujeito perceber o mundo sem suas máscaras, medos, julgamentos, culpas, apegos, conceitos e preconceitos e, assim, desvendar mistérios sobre si mesmo, tomar decisões mais conscientes e adotar diferentes posturas. Eis, então, os desdobramentos dos efeitos que conduzem ao processo de individuação.

Tavares (2005) quanto aos aspectos terapêuticos e psicológicos do chá de ayahuasca conta que para o psiquiatra Wilson Gonzaga da Costa, esta substância apresenta efeitos benéficos nas pessoas, pois no estado alterado da consciência ela propicia um processo de autoanálise

intenso que faz com que o indivíduo perceba os seus conflitos. E que no mesmo sentido, o também psiquiatra Lúcio Rodrigues constatou que o chá desencadeia um processo em que todos os níveis da consciência afloram e geram um efeito semelhante ao obtido em um longo processo de análise. Além disso, Tavares (2005), faz considerações sobre conferência *Psychoactivity III*, ocorrida na Europa que demonstrou que os adeptos do chá desenvolvem mais receptores de serotonina e que este pode indicar um efeito positivo da substância para a saúde.

De acordo com Santos (2005), a ingestão ritual da ayahuasca propicia ao indivíduo uma mudança considerável no estado normal da consciência, bem como estados de silenciamento, tranquilização e suavização, o que pode sugerir possíveis efeitos terapêuticos da ayahuasca em psicopatologias, como ansiedade, pânico e depressão. Para o autor, o uso ritualizado ou supervisionado da ayahuasca, somado a aspectos de sentimento de pertencer a um grupo e técnicas para modificação comportamental, trazem um acolhimento psicossocial acompanhado de um apoio emocional, o que mostra efeitos positivos no tratamento de transtornos emocionais, semelhantes aos tratamentos farmacológicos.

Santos (2007) ao tratar sobre os aspectos neuroquímicos e farmacológicos da ayahuasca relata que os principais alcalóides presentes na ayahuasca são harmina, THH, harmalina e N, N-*dimetilriptamina* (DMT), substâncias que produzem efeitos alucinógenos em seres humanos, além de promover efeitos psicoativos que se estendem desde alterações perceptuais até mudanças emocionais e cognitivas. Ademais, o autor assevera que os principais componentes da ayahuasca são substâncias químicas molecularmente semelhantes à serotonina e que tais substâncias parecem não produzir dependência fisiológica, nem induzir mudanças corporais crônicas, do ponto de vista terapêutico. Para o autor, o aumento nos transportadores de serotonina, encontrado entre consumidores crônicos da ayahuasca, pode ser capaz reverter quadros de alcoolismo, comportamento violento e comportamento suicida, bem como modular a expressão dos genes das proteínas transportadoras de serotonina no tratamento de transtornos emocionais.

Andrade et al. (2009) avaliaram a situação clínica dos usuários do chá hoasca (10 anos ou mais de uso regular), a longo prazo, em comparação a indivíduos que nunca ingeriram o chá. Avaliaram ainda, os efeitos fisiológicos agudos após a ingestão do chá. Os autores vislumbraram por meio da avaliação clínica, que os usuários não apresentam nenhuma

disfunção clínica e se apresentaram saudáveis e com perfil de mobilidade semelhante aos de outros indivíduos da mesma comunidade. Quanto à avaliação dos efeitos fisiológicos após a ingestão do chá, os pesquisadores observaram uma discreta elevação de parâmetros como pressão arterial e frequência cardíaca entre 20 e 90 minutos, não evidenciando, portanto nenhuma modificação clínica relevante. Puderam, portanto concluir, que não há evidência que o uso do chá cause danos ou prejuízo a saúde humana.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo realizado permitiu vislumbrar que, cada vez mais, diversos pesquisadores na área da Antropologia, Medicina, Sociologia e Psicologia, têm demonstrado interesse pelos processos despertados no indivíduo através consumo do chá da ayahuasca, uma bebida preparada através da fervura ou infusão das cascas e ramos da *Banisteriopsiscaapi* junto a *P. Viridis*, que possuem em suas folhas agentes responsáveis por dar ao chá o efeito psicoativo (PELAEZ, MCKENNA; LABATE; ARAÚJO, 2009).

A ayahuasca, que é utilizada há milhares de anos por diversos grupos e crenças de maneira ritualística com objeto de cura e autoconhecimento, tem se apresentado como um possível veículo capaz de conduzir o indivíduo ao que foi chamado por Jung de “processo de individuação” (PELAEZ, 1994; LABATE e ARAUJO, 2009).

Como apresentado no capítulo I, o processo de individuação proposto por Jung tem como objetivo promover a realização do indivíduo enquanto pessoa única (ser quem sem é). Embora ocorra inconsciente e espontaneamente em cada indivíduo, o processo de individuação só ocorre verdadeiramente se esse mesmo indivíduo estiver consciente do processo e participando ativamente dele. É exatamente essa participação ativa que o faz um processo de buscar ser um indivíduo único (JUNG, 1968; JUNG, 2000; JUNG, 2008; JUNG, 2008b, SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

Considerando como característica de uma participação ativa a escolha livre de cada indivíduo sobre os caminhos possíveis em direção a esse processo, a Ayahuasca, que teve seu uso difundido nos centros urbanos através de três religiões ayahuasqueiras conhecidas como Santo Daime, UDV (União do Vegetal) e Barquinha, pode ser considerada como uma opção de atalho, ponte, ou como facilitadora e orientadora para esse processo. (MC KENNA,1986; LABETE,ARAÚJO, 2009).

Os relatos de adeptos do chá da ayahuasca colhidos por pesquisadores a respeito das transformações ocorridas em vários aspectos da vida podem ser relacionadas com o que se espera que aconteça em cada etapa do processo de individuação proposto por Jung. A alteração da consciência causada pela ingestão do chá, que possui, em sua composição agentes psicoativos, permite que o indivíduo acesse áreas do inconsciente fundamentais para sua compreensão e desenvolvimento enquanto ser humano único (TAVARES, 2005; ASSIS, FARIA E LINS, 2014; ALMEIDA, 2009; SHANON, 2009; PALAEZ, 2009; LANGDON, 2009; KEIFENHEIM, 2009; GROB et al. 2009; BRITO, 2009).

Assim como o processo de individuação é um processo subjetivo e intransferível, ocorrendo de acordo com o tempo e com o contexto cultural e psicológico de cada pessoa, os efeitos do chá de ayahuasca também se manifestam baseados nessas características e, embora tanto as etapas do processo de individuação, como os efeitos do chá aconteçam de maneira distinta para cada indivíduo, as transformações ocorridas acerca do seu processo e sobre si mesmo são similares (TAVARES, 2005; ASSIS, FARIA E LINS, 2014; ALMEIDA, 2009; SHANON, 2009; PALAEZ, 2009; LANGDON, 2009; KEIFENHEIM, 2009; GROB et al. 2009; BRITO, 2009).

As etapas do processo de individuação, que se caracterizam pelo confronto do *eu* (considerado núcleo do consciente para Psicologia Analítica) com os aspectos influenciadores da consciência, podem ser comparados ao mesmo processo de expansão da consciência relatada pelos adeptos do chá (PELAEZ, 1994; LABATE e ARAUJO, 2009).

A consciência é considerada como a responsável por manter o contato do mundo interior e exterior do indivíduo. A busca da integração do consciente e do inconsciente como objetivo do processo de individuação que resulta na vivência do *self*, descrita como a totalização do ser e o abandono de um ego limitado, remete à principal transformação pessoal descrita no relatos do grupos ayahuasqueiros estudados, que seria o despertar da visão para o reconhecimento de um mundo invisível, permitindo ao indivíduo o desenvolvimento de uma consciência com valores mais amplos (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

O confronto do *eu* com a *persona*, primeira etapa do processo de individuação, que se caracteriza pelo abandono das máscaras utilizadas por cada indivíduo a fim de obter reconhecimento e aprovação social, se equipara com a principal transformação no que se

refere à personalidade, experimentada pelos indivíduos que consomem a bebida, que é a capacidade de autocrítica e correção de pensamentos e condutas consideradas não-assertivas, o que permitiria ao indivíduo uma profunda e radical ressignificação a respeito de si mesmo e de suas relações com Deus, com a natureza e com a sociedade (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

Outras etapas do processo de individuação é o confronto do *eu* com a *sombra*, que se caracteriza pelo reconhecimento de aspectos negativos e positivos pessoais, até então negados e projetados nos outros (de maneira que muitas vezes o indivíduo adota uma posição de vítima diante de suas relações e situações cotidianas). Uma vez reconhecido, esse confronto entre o eu e a sombra favorece a relação do indivíduo com o mundo e com si mesmo, pode ser comparada ao mesmo reconhecimento de si mesmo como agente protagonista na própria vida, relatado pelos usuários do chá, de modo que uma nova visão acerca de quem se é e de como pensamentos e sentimentos anteriormente vistos como errados a seu próprio respeito e a respeito do mundo, passaram ser vistos como oportunidade de desenvolver a tolerância e paciência, reduzindo angustias e preocupações diante das situações adversas da vida (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964).

O confronto do *eu* com o *animus* ou a *animas* acontece respectivamente nos processos de individuação da mulher e do homem, e que consiste no confronto do *eu* com seus aspectos masculinos inconscientes (para as mulheres) e aspectos femininos inconscientes (para homem). Tais confrontos culminam no reconhecimento de seus processos de desenvolvimento de sua posição objetivas, em nível cultural e pessoal, podendo o indivíduo encontrar um caminho de forte sentido espiritual na vida que, assim como disse, Silveira (1968), possuem um papel psicológico importante, sendo mediadores dos processos internos e externos de cada indivíduo e que, uma vez cuidados e integrados ao *eu*, permitem à mulher e ao homem melhor capacidade autoconhecimento e reflexão (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964).

Tais confrontos estão presentes na maioria dos relatos dos usuários do chá de ayahuasca como um encontro, reconhecimento e aceitação de aspectos da personalidade, bem como a ampliação do sentido de vida e de pessoa. Embora o processo de individuação seja marcado por etapas específicas, o final de cada etapa conduz o indivíduo a uma integração profunda e

total da psique, a mesma sensação de pertencimento do todo, descritos nos relatos dos daimistas, apresentados no Capítulo II (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

O confronto e reconhecimento da sombra, a dissolução de projeções e complexos, e a descida aos abismos pessoais, que configuram o processo de individuação apresentado detalhadamente no capítulo I, bem como todas as expansões da consciência provocadas pelo chá da ayahuasca resultam numa ampliação do mundo interno, criando então esse novo centro da personalidade que conhecido até então como ego, passa a se configurar no processo de individuação como self e para os adeptos da ayahuasca como Eu superior (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

A vivência do *self* em seu aspecto positivo, como a experiência de encontro com o *Eu superior*, proporciona ao indivíduo, o contato com algo *numinoso*, termo criado pelo teólogo Rudolf Otto (1869 - 1937) para descrever uma espécie de experiência religiosa que não depende de divindades, que surge do sentido de integração com si, com os outros, com a natureza e com Deus. Tais experiências, como manifestações do *self* e manifestações do *eu superior*, podem ser consideradas como um dos objetivos do processo de individuação e um dos objetivos do consumo da bebida que é considerada sagrada: integrar a vida material e a vida espiritual conferindo a um sentido transcendental e sagrado à existência. (SILVEIRA, 1968).

Assim como o processo de individuação pode ocorrer inconsciente e espontaneamente em cada indivíduo, o despertar do Eu superior proposto pelos principais grupos ayahuasqueiros também pode ocorrer assim, uma vez que todos os indivíduos carregam essa memória divina, mesmo que a ignorem (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

Tanto os teóricos que apresentam o processo de individuação, como as principais doutrinas que utilizam o chá de ayahuasca concordam que o não despertar do *self* e o não despertar do Eu superior, entendidos aqui como o mesmo processo, se manifestariam negativamente na vida do indivíduo. Uma vez que o Eu Superior está adormecido, o Eu Inferior, conceito usado pelos daimistas que se aproxima do que a psicologia entende por ego, comandaria a vida do indivíduo, tornando-o vulnerável a se comportar mentalmente, emocionalmente, sentimentalmente e fisicamente de maneiras não assertivas ou saudáveis (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

Por outro lado, cada vez que nos permitimos e buscamos nos tornar mais atentos e conscientes de quem somos, através do autoconhecimento ativo, desenvolvemos uma consciência livre das construções distorcidas do ego ou Eu Inferior, o que permitiria ao indivíduo se realizar enquanto ser humano completo como propõem as teorias holísticas que consideram o existir como agir em conformidade com aquilo que se sente como a própria e natural verdade de cada um, em outras palavras, “ser quem nascemos para ser” (SILVEIRA, 1968; FRANZ, 1964; STEIN, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Me pergunto aonde ir, a dualidade vai nos levar, nos levará.
O assombro é a primeira impressão ao se desnudar, enganosas imagens,
Capas, miragens.
Indefesas, são frágeis as certezas, o que é dócil, muitas vezes surpreende
Por tamanha maestria, abandono à covardia.
O escuro esconde a chave do se libertar, o desafio é prosseguir.
Entre slogans e m* o efêmero sempre iludi.
É preciso se desapegar, no centro o silêncio e a paz,
Um prêmio para quem sem exitar mergulhar....*

Chandra Lacombe, Além da Covardia

Ser quem nascemos para ser é a nossa maior missão, e talvez a única. Em diversas situações durante o nosso processo de desenvolvimento, desde a pouca idade e às vezes na maioridade, recebemos muitas informações das pessoas que nos cercam, dos nossos trabalhos e dos meios de comunicações e cultura sobre quem somos e sobre qual o nosso *valor* como pessoa. Na maioria das vezes, essas informações que recebemos são errôneas, e crescemos acreditando nelas.

Crescemos não nos conhecendo, crescemos adormecidos até que o desejo natural do “despertar da consciência”, conceito da Psicologia Transpessoal, a disposição para nos auto-realizar através do “processo de individuação” e da vivência do self propostos pela Psicologia Analítica e o que foi apresentado neste trabalho como “memória divina” pelas religiões ayahuasqueiras, que cada pessoa carrega em si, em determinado momento da vida nos convida a questionar quais as nossas próprias verdades, qual o verdadeiro sentido de nossas experiências, o que estamos fazendo para sermos quem somos e qual o verdadeiro *valor* da nossa vida.

Pudemos verificar, pelos registros, pesquisas e relatos de adeptos do chá de Ayahuasca que a bebida utilizada há muito tempo por tribos indígenas e culturas xamânicas como um veículo ao próprio interior, pode também nos conduzir ao processo de “individuar-se”. Embora esse processo, com ou sem a utilização do chá seja possível para todos, nem todas as pessoas decidem despertar a consciência para vivê-lo. Os que se permitem, através de um processo longo, às vezes doloroso, porém libertador, começam uma busca sagrada em direção a si mesmos. E como para estar nesse processo é fundamental participar dele ativamente, a

Ayahuasca se apresenta como um caminho a ser escolhido para esse encontro com si mesmo e para que identificação com o “todo” aconteça.

Os depoimentos existentes feitos pelos adeptos da bebida trazem relatos de experiências profundas e transformadoras a respeito da percepção de suas vidas antes e depois do chá, tais como: assumir a responsabilidade por quem se é, abandonar a necessidade de ser o que a sociedade, a família, a política e a religião esperam, saída de uma vida automática e mecânica, reconhecimento das informações errôneas a respeito de si próprio e melhor capacidade ressignificá-las, não lançamento no outro do que é seu, seja essa projeção positiva ou negativa, reconhecer o que é do outro e está em si, sejam essas impressões positivas ou negativas, fazer as pazes com suas diferenças, acolher seus medos, receios e dúvidas, ficar bem com suas características masculinas e/ou femininas, maior consciência de suas emoções, maior habilidade em reconhecer situações adversas na vida como possibilidade de significá-las positivamente além de mudanças positivas no relacionamento com a natureza, com o próprio corpo, com o mundo e com Deus.

Todas essas percepções correspondem ao que é considerado, no processo de individuação como a vivência do *self*, sua etapa final, caracterizada pelo rompimento de velhos padrões de vida e consciência, e aumento na capacidade de enxergar a vida em todas as suas dimensões, rompendo com a dualidade e caminhando rumo a uma integração com o Todo.

Permitido seu uso ritualístico, a Ayahuasca, tem sido bastante difundida nos grandes centros, tanto pelas religiões consideradas ayahuasqueiras como por grupos que buscam terapias alternativas, e até mesmo por pessoas leigas que buscam apenas alteração de consciência como fins recreativos (o que infelizmente contribui para criação e divulgação de informações preconceituosas e intolerantes não só com relação a bebida mas com relação também as próprias doutrinas). É importante lembrar e ressaltar que muitas pesquisas na área de antropologia, sociologia, medicina e psicologia, estão sendo realizadas para averiguar seus aspectos e impactos sociais, religiosos, culturais e físicos.

Consideradas por alguns como “*madrecitta de todas las plantas*” ou “professora”, a Ayahuasca, pela minha própria vivência e contato, merece sim ser amplamente estudada, respeitada e considerada como uma porta de entrada para o encontro com nosso próprio ser.

Encontro esse que se torna objeto de estudo não só da psicologia, mas de todas as áreas que nos envolvem enquanto seres humanos, completos, ligados a natureza e a tudo o que existe.

REFERÊNCIAS

GIL, A.C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNG, C.G. (2008b). **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes. 2008

_____. **O Homem e seus símbolos** – Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung – O homem Criativo**. São Paulo Ed. FTD, 1997.

STEIN, Murray; Jung. **O mapa da alma**. São Paulo Ed. Cultrix, 1998.

PELAEZ, Maria Cristina. “Santo Daime, Transcendência e Cura. Interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual.” *In: O uso ritual da ayahuasca* / Beatriz Caiuby Labate, Wladimir Sena Araújo (orgs). Campinas SP, Mercado das Letras, 2002.

GENTIL, Lucia Regina Brocanelo; GENTIL, Henrique Salles. “O uso de psicoativos em um contexto religioso: A União do Vegetal.” *In: O uso ritual da ayahuasca* / Beatriz Caiuby Labete, Wladimir Sena Araújo (orgs). Campinas SP, Mercado das Letras, 2002.

SILVA, Clodomir Monteiro da. “O uso ritual da Ayahuasca e o reencontro de duas tradições. A miração e a incorporação no culto do Santo Daime.” *In: O uso ritual da ayahuasca* / Beatriz Caiuby Labete, Wladimir Sena Araújo (orgs). Campinas SP, Mercado das Letras, 2002.

LUNA, Luiz Eduardo. “Xamanismo Amazonico, Ayahuasca, Antropofornismo e mundo natural.” *In: O uso ritual da ayahuasca* / Beatriz Caiuby Labete, Wladimir Sena Araújo (orgs). Campinas SP, Mercado das Letras, 2002.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. **O uso ritual da Ayahuasca**. Mercado de Letras. São Paulo. 2002.

MCKENNA, DENNIS J. “Ayahuasca: uma história etnofarmacológica”. In: **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

DOCUMENTÁRIO: VINE OF THE SOUL: ENCOUNTERS WITH AYAHUASCA (2010).
Director: Richard Meech Writer: Richard Meech Stars: Guillermo Arévalo, Gabor Mate, Dennis J. McKenna Production Co: Meech Grant Productions See more Show detailed company contact information on . Canadá.

PEREIRA, Dr. Otávio Castello de Campos; BRITO, Dr. Glacus de Souza. “Considerações a respeito do Parecer Ayahuasca, da Associação Brasileira de Psiquiatria / Associação Brasileira de Estudos em Álcool e Drogas” (ABP/ABEAD) DEPARTAMENTO MÉDICO-CIENTÍFICO DA UDV AGOSTO DE 2002” Disponível em: <http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/consideracoes-demec-parecer-da-abead-ayahuasca-ago02.pdf>
Acesso em: 29/03/2016

NOTÍCIA SOBRE A MORTE DO NETO DO CHICO ANYSIO. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/10/A-morte-do-neto-de-Chico-Anysio-e-o-ch%C3%A1-de-ayahuasca.-Eis-o-debate> Acesso em: 29/03/2016

NOTÍCIA SOBRE A AYAWASKA. Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/mae-de-rian-brito-diz-que-ele-tomou-cha-de-ayahuasca-em-seita-da-atriz-leona-cavalli> Acesso em: 29/03/2016

POEMA DE CHARLES BUKOWSKI, O pássaro azul. Disponível em:
<http://www.revistabula.com/835-os-10-melhores-poemas-de-charles-bukowski/> Acesso em: 29/03/2016

ANEXO A - DEPOIMENTOS E TESTEMUNHOS

Da primeira vez em que bebi o chá da Ayawaska lembro-me do susto de não poder mais confiar apenas nas minhas habilidades racionais para entender o mundo. A sensação era a de que a consciência, pelo menos a consciência que eu conhecia na época estava ruindo. Eu queria duvidar de que aquele momento fosse mágico, mas não conseguia. A sensação de perda do racional me dava medo, pois eu nunca imaginei passar por uma situação em que tudo o que eu conhecia da realidade seria colocado em xeque. Eu, que sempre tinha lido muitos livros e confiado muito em estudiosos, escritores, intelectuais, estava agora suada e amedrontada, mas também resignada, enfrentando um processo de expansão da consciência que mudou minha vida para sempre.

Quando finalmente desisti de confiar apenas na razão para entender o mundo, consegui relaxar um pouco e me entregar ao ritual. Tive uma visão de uma floresta que lembrava a floresta Amazônica, como se meu espírito passasse em um vôo rasante sobre as águas. Todas as folhas eram de um verde intenso e a música era indígena. Senti que meu coração estava prestes a sair pela boca, e um medo muito grande me pegou nessa hora. Pedi para trocar a música. Ao abrir os olhos, cobras prateadas passeavam pelo teto.

Meu amigo, que conduzia o ritual, sorria e em seu rosto eu podia ver selos dourados, como se fossem adesivos colados na pele e indicando algum tipo de nobreza. Formas geométricas parecidas com desenhos de índios que eu vira na televisão em forma de losango também apareciam, seguidas de teias multicoloridas formadas dos mesmos losangos, tudo me indicando que minha imaginação não seria capaz de imaginar um desenho daqueles, e que eu estava na presença de uma entidade, de algo maior do que eu. Tive um impulso de pedir desculpas pela minha arrogância e ignorância e pedi, por confiar tanto no meu lado racional, abandonando o intuitivo, eu tinha ficado endurecida.

Respostas chegavam à mente, uma depois da outra. Pude sentir a dor de uma importante separação amorosa, vomitar e sentir alívio de finalmente colocar a tristeza para fora, porque me impedi de chorar muitas vezes. O vômito, para mim, era esse choro escondido que precisava sair. Um vômito era sofrido mas que me deu alívio depois.

Percebi que há muito tempo eu mesma não vivia no Brasil, conectada que eu estava aos poemas, livros, escritores e artistas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Eu vivia no território brasileiro, mas sonhava com outros lugares, frios, distantes, onde as pessoas falavam inglês.

Após a primeira vez em que bebi a Ayawaska, senti uma enorme vontade, vinda do fundo da minha alma, de me demitir do emprego. Eu estava à beira de ser promovida coordenadora geral de uma escola de inglês bem-sucedida, mas desisti. Contrariei o conselho da minha mãe, de nunca desistir de um emprego sem ter outro em vista e simplesmente me demiti. Eu estava, depois da experiência, me sentindo cheia de vida, feliz, de uma felicidade infantil e amorosa que eu nunca tinha sentido antes. Eu olhava as discussões entre minha mãe e irmã, as mesmas briguinhas de sempre, e sentia um imenso amor pelas duas. Quando eu telefonava para contar a experiência para alguém, eu vibrava de entusiasmo.

Entendi que precisava voltar para o meu país, que precisava colocar os dois pés nas terras brasileiras. E assim começou uma nova fase de vida, em que acabei viajando para fora da cidade grande e conhecendo outra face do Brasil, em Minas Gerais.

A primeira experiência com a Ayawaska me aliviou, depois do medo inicial, dos sustos, dos receios, da dor de estar entregue a algo maior do que eu mesma, muitas lições foram aprendidas e relidas. Percebi que eu era mais do que uma pessoa racional, que havia sim uma forma de conhecimento e expansão da consciência que me transformou profundamente e até hoje permanece como uma das vivências mais marcantes da minha vida.

Aprendi que deixar de controlar a vida pelo lado racional me aliviava, me abria oportunidades para exercitar a intuição e fui remodelando minha vida e me conhecendo melhor. Hoje continuo exercitando a intuição e buscando novas formas de conhecimento.

Depoimento de J.R., colhido em 29 de março de 2016, no Rio de Janeiro - RJ.

ANEXO B - DEPOIMENTO DO AUTOR

Como autor deste trabalho, redigi um depoimento pessoal como forma de ilustrar meu engajamento com o ritual da Ayawaska, falando de uma posição menos distanciada, agora de dentro do processo, acreditando que a verdade propriamente dita, nada mais é do que a experiência vivida.

Minha primeira experiência com a Ayawaska aconteceu de maneira muito peculiar e não muito programada. No ápice da minha vida universitária e de todas as buscas por um sentido espiritual acerca de tudo que eu estava estudando e vivendo, fui convidado para participar de um “bailado” numa igreja ayahuasqueira chamada “Céu de São Thomé”.

Foram servidas 4 doses do chá, distribuídas entre as 6h de bailado. Nenhum enjôo, nenhum mal-estar, nenhuma “miração”. Apenas questionamentos sobre o porquê de estar ali, dançando o que dançava, cantando o que cantava, bebendo o que bebia. Um sentimento de frustração imenso por não ter sentido nada “especial”. Mero engano, minha primeira lição foi a respeito das minhas verdadeiras buscas. O que parecia não me revelar nada, delicadamente se revelou. Reflexões profundas acerca de buscar fora o que já se encontrava dentro, começaram a acontecer. Desde então, as explicações pessoais sobre ser espiritualizado, ser religioso ou ser doutrinado começaram a ter sentidos diferentes. A comunhão como o todo está disponível em tudo.

Foram mais quatro experiências com o chá após essa primeira. Cada uma delas um despertar diferente. Acreditando que o sofrimento era uma condição de aprendizado, esperei ansiosamente pelo que chamam de “limpeza” e mais uma vez nada. O que senti foi um sentimento de amor profundo, principalmente ao ver uma imensa árvore que crescia ao meu lado fundir suas raízes em corpo pelos pés e se conectando com as minhas veias. Ao chegar no coração, um abraço e lição de cura pelo amor. Somos todos filhos da Terra, somos a própria natureza.

Buscar respostas sobre a existência sempre me interessou, bem como conhecer mais sobre o “mundo invisível”. A cada experiência com a Ayawaska, o sentido verdadeiro do papel que desempenho na vida, foi ficando mais claro. Reflexões sobre ser sincero comigo mesmo no que diz respeito ao que acredito e pratico, ao movimento particular de me relacionar com outras pessoas, com as buscas pessoais profissionais ficaram intensas. Ser uma pessoa mais assertiva e coerente com os meus propósitos de vida se tornou uma necessidade do espírito. Ser mais seguro enquanto ser sexual, ser mais espontâneo no expressar na vida familiar e social tem sido umas das mudanças mais profundas experimentadas após fazer o uso da Ayawaska. A busca por transformações e autoconhecimento é uma busca que continua independente da bebida, mas é impossível não reconhecer o portal que ela abriu pra mim, em direção a quem eu realmente sou.

Depoimento pessoal escrito em 29 de março de 2016.

ANEXO 3 RESOLUÇÃO Nº 4 - CONAD, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2004

Dispõe sobre o uso religioso e sobre a pesquisa da ayahuasca

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL ANTI-DROGAS - CONAD, no uso de suas atribuições legais, observando, especialmente, o que prevê o art. 6º do Regimento Interno do CONAD; e CONSIDERANDO que o plenário do CONAD aprovou, em reunião realizada no dia 17 de agosto de 2004, o parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico que, por seu turno, reconhece a legitimidade, juridicamente, do uso religioso da ayahuasca, e que o processo de legitimação iniciou-se, há mais de dezoito anos, com a suspensão provisória das espécies vegetais que a compõem, das listas da Divisão de Medicamentos - DIMED, por Resolução do Conselho Federal de Entorpecentes - CONFEN, nº 06, de 04 de fevereiro de 1986, suspensão essa que tornou-se definitiva, com base em pareceres de 1987 e 1992, indicados em ata do CONFEN, publicada no D.O. de 24 de agosto de 1992, sendo os subsequentes considerandos baseados na já referida decisão do CONAD;

CONSIDERANDO que a decisão adequada, da Administração Pública, sobre o uso religioso da ayahuasca, foi proferida com base em análise multidisciplinar;

CONSIDERANDO a importância de garantir o direito constitucional ao exercício do culto e à decisão individual, no uso religioso da ayahuasca, mas que tal decisão deve ser devidamente alicerçada na mais ampla gama de informações, prestadas por profissionais das diversas áreas do conhecimento humano, pelos órgãos públicos e pela experiência comum, recolhida nos diversos segmentos da sociedade civil;

CONSIDERANDO que a participação no uso religioso da ayahuasca, de crianças e mulheres grávidas, deve permanecer como objeto de recomendação aos pais, no adequado exercício do poder familiar (art. 1.634 do Código Civil), e às grávidas, de que serão sempre responsáveis pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, à preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro;

CONSIDERANDO que qualquer prática religiosa adotada pela família abrange os deveres e direitos dos pais "de orientar a criança com relação ao exercício de seus direitos de maneira acorde com a evolução de sua capacidade" , aí incluída a liberdade de professar a própria religião e as próprias crenças, observadas as limitações legais ditadas pelos interesses públicos gerais (cf. Convenção Sobre os Direitos da Criança, ratificada pelo Brasil, promulgada pelo Decreto nº 99.710, de 21/11/1990, art. 14);

CONSIDERANDO a conveniência da implementação de estudo e pesquisa sobre o uso terapêutico da ayahuasca, em caráter experimental;

CONSIDERANDO que o controle administrativo e social do uso religioso da ayahuasca somente poderá se estruturar, adequadamente, com o concurso do saber detido pelos grupos de usuários;

RESOLVE:

Art. 1º Fica instituído GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO para levantamento e acompanhamento do uso religioso da ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica, em caráter experimental.

Art. 2º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO será composto por seis membros, indicados pelo CONAD, das áreas que atendam, entre outros, aos seguintes aspectos: antropológico, farmacológico/ bioquímico, social, psicológico, psiquiátrico e jurídico. Além disso, o grupo será integrado por mais seis membros, convidados pelo CONAD, representantes dos grupos religiosos, usuários da ayahuasca.

Art. 3º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO escolherá seu presidente e vice-presidente e deverá, como primeira tarefa, promover o cadastro nacional de todas as instituições que, em suas práticas religiosas, adotam o uso da ayahuasca, devendo essas instituições manter registro permanente de menores integrantes da comunidade religiosa, com a indicação de seus respectivos responsáveis legais, entre outros dados indicados pelo GRUPO MULTI-DISCIPLINAR DE TRABALHO.

Art. 4º O GRUPO MULTIDISCIPLINAR DE TRABALHO estruturará seu plano de ação e o submeterá ao CONAD, em até 180 dias, com vistas à implementação das metas referidas na presente resolução, tendo como objetivo final, a elaboração de documento que traduza a deontologia do uso da ayahuasca, como forma de prevenir o seu uso inadequado.

Art. 5º O CONAD, por seus serviços administrativos, deverá consolidar, em separata, todas as decisões do CONFEN e do CONAD sobre o uso religioso da ayahuasca, para acesso e utilização dos interessados que poderão, às suas próprias expensas, extrair cópias, observadas as respectivas regras administrativas para tanto.

Art. 6º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

04/11/04

JORGE ARMANDO FELIX

Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional e

Presidente do Conselho Nacional Antidrogas